**DO TECIDO DA VIDA, DO PUÍDO DO VÍRUS: SOBRE CRIANÇAS,
NOVELOS E LINHAS**

*The woven fabric of life and the threadbare virus: notes on children, thread
balls and lines*

Ana Paula DUBOC
Universidade de São Paulo
anaduboc@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-3136-3504>

*Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Um novelozinho de linha...
Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Oscila no ar pela mão de uma criança
(Vem e vai...)
Que delicadamente e quase a adormecer o balanço
— Psio... —
Para cá, para lá...
Para cá e...
— O novelozinho caiu.*

(Manuel Bandeira, 1886-1968)¹

Ao receber o convite para compor esse dossiê de temática tão urgente e relevante, senti-me honrada e indaguei a mim mesma: como posso contribuir para uma coletânea que trata e denuncia os ataques fascistas no cenário brasileiro atual, cujos efeitos tornam-se ainda mais nocivos com a pandemia do COVID-19? Que relação posso estabelecer entre questões de língua/linguagem, política, pandemia, educação e cultura e sociedade?

Como ser-no-mundo, escrevo como docente e pesquisadora da área de linguagem e como mãe de uma menina de cinco anos e partilho minha leitura do cenário atual jogando os holofotes nos sujeitos da infância e na violência de toda sorte que rouba o direito da criança de ser-no-mundo em sua inteireza (FREIRE, 2001).

Para tanto, inauguro meu texto com Bandeira e seu famoso poema Debussy², um

¹ In: BANDEIRA, Manuel. *Berimbau e outros poemas*. Seleção José Elias. Ilustração Graça Lima. São Paulo: Global, 2013.

dos preferidos de minha filha. A relação entre o nome do poema e a sonoridade do balanço do novelozinho de linha se dá por certa obviedade em que muitas análises literárias vão destrinchar as relações entre o aspecto rítmico dos versos e as composições musicais do compositor que intitula o poema. Para este meu ensaio, contudo, abandono o plano formal na análise literária para dar vida à criança que segura o novelo. Ou, também, à criança que não o segura. E por ser novelozinho de linha, empresto a metáfora de Sousa Santos (2007) para falar das linhas abissais, as quais também afetam profundamente corpos miúdos – embora a literatura do pensamento decolonial fale pouco sobre crianças – fazendo surgir, na história, um complexo tecido da vida marcado, de um lado, por tramas e alinhavos finos e bem feitos, e, do outro lado, por panos manchados, esgarçados, puídos.

Inúmeros têm sido os ensaios, as notícias e as *lives* acerca dos impactos negativos da pandemia que assolou o Brasil em meados de março, levando à suspensão de atividades escolares e acadêmicas, o fechamento do comércio, e, conseqüentemente, à adoção do *home office*, do *delivery* e do ensino remoto emergencial. Para este ensaio, não vou denunciar o comportamento doentio, genocida, irresponsável e leviano de um presidente que, desprovido de sanidade e sanitariedade – porque não usa máscara nem álcool em gel – zomba da ciência e da vida humana. Não vou falar de questões políticas tão detidamente não porque eu não me importe – afinal, não sou do tipo de dizer “e daí?” porque, como ser-no-mundo, sou constituída do/pelo outro, estou com o outro e me responsabilizo pelo outro – mas porque o ensaio pretende ser curto e quero gastar tinta para falar sobre crianças, novelos e linhas.

Nas últimas décadas, temos testemunhado muitas conquistas em pesquisas e marcos legais que atestam a criança como sujeito de direitos³. Sem a pandemia, políticas públicas ainda patinam – e muito – para fazer jus a esses marcos legais, na medida em que muitas crianças vivem em condição de vulnerabilidade. Com a pandemia e a suspensão das atividades escolares, quero falar desses sujeitos da infância que agora estão em suas casas. Muitos são vítimas de violência doméstica; outros, são vítimas de uma violência simbólica, eu diria, do tipo sorrateiro, que só configura uma violência sob o escrutínio de

² O nome do poema de Bandeira se refere ao músico e compositor francês Claude Debussy (1862-1918).

³ Conforme previsto na Constituição de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei 8.069/90).

um olhar crítico e atento. Para cada sujeito da infância, um tipo de violência que acompanha o balanço do novelozinho de linha. Para cá, para lá... para cá, para lá. Brutal ou gentil. Física ou simbólica. Consciente ou inconsciente. Mal intencionada ou sem qualquer intenção. Não importa. É violência que segue. Do lado de cá e do lado de lá da linha. Para cá, para lá... para cá, para lá.

Para cá, crianças abastadas, de classe média e classe alta, tornam-se o estorvo de muitos dos pais agora em *home office*, sem tempo para se dedicar a míseros cinco minutos de esconde-esconde nos suntuosos metros quadrados de suas casas ou apartamentos, porque *time is money*. Não demora muito e escolas, sobretudo as privadas, pressionadas por pais pagantes, começam freneticamente a preparar atividades online para justificar a manutenção da mensalidade. O neoliberalismo autoritário, ávido por sujeitos eficazes, produtivos e competitivos, pressiona o pai que pressiona a escola que pressiona o professor que pressiona o *enter*, o *send*, o *play*, querendo, no fundo, pressionar *esc* ou *delete*. E a criança nisso tudo? A criança do lado de cá, abastada, envolta em tecnologias e brinquedos, em casa segura com água tratada e sabão anti-bacteriano, tem tudo ao seu redor exceto o direito de ser criança em sua inteireza, porque agora se entedia tendo que cantar a música e imitar a coreografia da professora, achatada em 2D na tela; se angustia tendo que fazer atividades e provas online; se frustra com uma festa junina online, que não tem cheiro de fogueira nem gosto de bolo de milho.

Para lá, crianças menos abastadas, desprovidas de quase tudo, são o estorvo de pais nervosos que acabam de perder seu ganha pão com o agravamento da economia informal ou pais que estão sob o risco de perder seu emprego. O neoliberalismo autoritário, afeito à concentração de renda, aos lucros bancários e à precarização do trabalho pressiona o empregado que... não pressiona o seu empregador, e, se pressiona, faz cócegas no sistema-mundo capitalista. E a criança nisso tudo? Essa criança do lado de lá, nada abastada, em sua moradia precária, sem *wifi*, muitas vezes em meio a violência urbana e esgoto a céu aberto, tem pouco ao seu redor, incluindo o direito de ser criança em sua inteireza, porque agora se entedia com a falta de espaço; se sufoca com o cotidiano precário, violento, monótono; se definha com a falta de merenda da creche.

Em ensaio que denuncia os efeitos nocivos da globalização sobre a questão da desigualdade social, Sousa Santos (2007) nos fala acerca das linhas abissais geográficas e

metafóricas que cindem o mundo, legitimando certos saberes, povos, culturas e linguagens em detrimento da marginalização de outros. Localizada na Modernidade/Colonialidade eurocêntrica, essa concepção de humanidade é pautada na ideia de diferença colonial (MIGNOLO, 2009) em que a população foi dividida entre superiores e inferiores, bárbaros e civilizados.

Assim é que, um olhar decolonial sobre a história da humanidade explica a gênese da disparidade social em sua relação com a Modernidade europeia, cujo projeto de desenvolvimento teria sucumbido sem o tripé da colonialidade do saber, do poder e do ser. Disso decorre a conclusão de que a pandemia não cria desigualdades sociais; apenas as torna mais expressivas e cruéis. O tecido da vida, ao que parece, carrega em si as marcas da história: um fio puxado, uma mancha de uma coisa qualquer, uma marca de ferro, um retalho desbotado. O tecido da vida, roto pela história, está por um fio. E eis que surge um vírus para dar a ver o seu puído. Qual puído ele dá a ver? Seria apenas o puído do lado de lá, o lado da criança das ausências? Ou seria também o puído do lado de cá, o lado da criança das presenças? Faz sentido separar ausências de presenças? Estariam inscritas em pólos distintos? O que está ausente do lado de lá pode não ser ausência do lado de cá, mas isso não implica que o lado de cá não sofra ausências. Ou seja, tem criança do lado de cá sendo violentada, ainda que simbolicamente. O vírus deixa entrever essas ausências naquilo que o senso comum julga ser lócus de privilégios. Similarmente, o que está presente no lado de cá, pode não estar presente no lado de lá, mas isso não implica que o lado de lá seja tolhido de suas próprias presenças como quer Sousa Santos (2018) em sua discussão sobre a sociologia das emergências e a valorização simbólica, analítica e política de formas de ser e de saberes do outro lado da linha. Ou seja, tem criança do lado de lá emanando fé e força, driblando essa violência que, em muitos casos, lhe é física. O vírus, aqui, deixa entrever o puído já sabido desse lócus de lacunas, mas a chita continua a ser colorida. Então, o que o vírus dá a ver é ausência e presença emanando de qualquer lado, sob a diferença de que isso vem em meio a brutalidades ou gentilezas, de forma física ou simbólica, consciente ou inconsciente, com boas e más intenções. Para cá, para lá... o novelozinho de linha oscila na mão de uma criança.

Seja do lado de cá ou do lado de lá, a criança pequena entendida como sujeito de direitos e ser em sua inteireza (FREIRE, 2001) – e não uma dicotomia que teima em

separar corpo, sentimentos, paixão, razão – vem sendo hoje marcada por presenças e ausências que, no final do dia, tolhem-na de seu direito de ser-no-mundo. Porque criança aprende com o corpo inteiro (BELINTANE, 2017; COLLA, 2020). Porque criança precisa brincar, correr, pular, sorrir, comer, dormir, cantar, enfim, viver. Estudos e relatórios divulgados recentemente vêm denunciando os efeitos nocivos da pandemia para o desenvolvimento infantil durante essa terrível pandemia. O que esse texto quer dar a ver é que esses efeitos não estão apenas presentes naqueles contextos de maior vulnerabilidade, como os lamentáveis casos de violência física contra a criança; quero, também, lançar o olhar sobre aquela criança que tudo tem em seu quarto, mas, não podendo frequentar a escola e estando em casa com pais *workaholic* – alguns por escolha própria, outros não – sofre de solidão, de medo, de raiva. Se a falta de condições dignas de moradia joga a criança do lado de lá às traças, nas moradias de privilégios materiais a criança do lado de cá é fadada a passar longas horas à frente da tela do tablet.

Ao seguir para os últimos parágrafos deste ensaio, obrigo-me ao exercício da esperança, pois, segundo Freire (2014), é justamente nos momentos de crise que precisamos nos manter esperançosos. Pois bem. Perdoe-me Freire, mas minha esperança, nesse exato momento, é escassa e não me basta. Como pesquisadora do campo da linguagem e como mãe de uma criança pequena, vejo, com tristeza, a infância de tantas crianças por aí sendo encurtadas, seja sob o efeito de um ensino remoto que teima em domar esses corpos miúdos num neobehaviorismo que joga fora tanta conquista do campo educacional, seja sob o efeito da vulnerabilidade social que assola tantas famílias. Tal como o novelozinho de linha, o direito dessas crianças de serem plenas balança para cá e para lá. E eu também, confesso. Eu também balanço quando me pergunto quando foi, exatamente, que a humanidade desumanizou-se e como a gente faz para consertar tudo isso. Como pesquisadora, titubeio ao questionar minhas teorias. Como mãe, preciso driblar as titubeações e acreditar num futuro melhor, para minha filha e para essas outras crianças. E seguro firme o novelozinho de linha, desejando alguma verdade ou controle, mas o novelo estático me incomoda mais do que o seu próprio balanço. E volto a legitimar o movimento do novelozinho, na esperança de que, balançando, ele me ensine a não estagnar, a não desistir, a não esmorecer, enfim, a continuar meu ser movente, no exercício de repensar as alternativas. Sigamos no tecido da vida.

Em homenagem ao pequeno Miguel⁴, cujo novelozinho caiu e já não balança mais.

REFERÊNCIAS

BELINTANE, C. *Da corporalidade lúdica à leitura significativa: subsídios para formação de professores*. São Paulo: Scortecci, 2017.

COLLA, R. O cuidado como dimensão ontológica na educação infantil: sobre corpos, espaços e movimentos na constituição do ser-no-mundo. *Pro-Posições*, v. 31, p. 1-17, 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da tolerância*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MIGNOLO, W. Coloniality: the darker side of modernity. In: BREITWIESER, S.; KLINGER, C.; MIGNOLO, W. (Eds.). *Modernologies: contemporary artists researching modernity and modernism*. Barcelona: MACBA, 2009, p. 39-49.

SOUSA SANTOS, B. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 78, p. 3-46, 2007.

SOUSA SANTOS, B. *The end of the cognitive empire: the coming of age of Epistemologies of the South*. Duke University Press: Durham and London, 2018.

⁴ Miguel Otávio Santana da Silva, de cinco anos de idade, foi morto por ter sido desamparado pela patroa de sua mãe quando esta teve que o levar ao trabalho em plena pandemia. A mãe saiu para levar o cachorro da patroa para passear. Miguel, ao procurar a mãe, entrou no elevador do prédio. A patroa apertou o andar mais elevado para “se livrar” do menino e Miguel, lamentavelmente, caiu de uma altura de 35 metros em um prédio na cidade do Recife.